

BOLETIM

CEAPIA 2025



Ano XXIX · Número 35 · Agosto 2025



Direção 2024-2025

Presidente

Luciana Gouvêa Oliveira

Vice-presidente

Luciana Wagner Grillo

Secretária

Fernanda Marinho Matte

Diretora Administrativa

Daniela Posebon Cansi

Codiretora Administrativa

Aline Loureiro Bruschi

Diretor de Ensino

Philip Camara Brew

Codiretora de Ensino

Renata Pechansky Axelrud

Comissão de Ensino

Anelise Mariath Rechia, Andrea Zelmanowicz, Magali Fisher, Philip Camara Brew e Renata Pechansky Axelrud

Comissão de Currículo

Alice Milman Bugin, Ester Litvin, Lúgia Baseggio Arcoverde e Norma Escosteguy

Diretora de Atendimento

Gabriela Souza da Luz Bortoluzzi

Codiretora de Atendimento

Marília Bordin Schmidt

Diretora Científica

Giuliana Chiapin

Codiretora Científica

Julia Costa Foster

Comissão Científica

Eduarda Berao, Inta Muller, Joana Zuanazzi, Juliana Merello, Laura Sprinz, Luísa Steiger, Maria Eduarda Pacheco Pires e Patrícia Cohn

Diretora de Pesquisa

Luísa Feijó Pinheiro Mello

Codiretora de Pesquisa

Helena Riter

Comissão de Pesquisa

Ana Carolina Bressan, Ana Paula Krolow, Betina Strassburger, Gustavo Guahnon, Júlia Kerber, Mariah Keenan, Roberta Golbert e Vinícius Pontel

Diretora de Divulgação

Maria Luiza Goulart Piccinini

Codiretora de Divulgação

Ana Carolina Mello Pechansky

Comissão de Divulgação

Betina Strassburger, Gabriela Matas, Juliana Merello e Sabrina Hoppe

Editor da Revista Publicação CEAPIA

Bruno Fagundes Sperb

Comissão da Revista

Ana Paula Krolow e Laura Lotti

Revisão

Press Revisão

Design

Juliana Dischke

Alterações na diretoria durante a gestão 2024/2025

Diretora de Atendimento

Marília Bordin

Codiretora de Atendimento

Mariana Santin e Camila Martinez

Codiretora Científica

Eduarda Berao

Notas sobre o design desta edição

Não é fácil determinar o que é o tempo. Apesar dos esforços da humanidade para objetivá-lo cronologicamente, essa noção quantificável coexiste com uma percepção subjetiva, indefinida, sem a qual o conceito de tempo estaria incompleto. O par de opostos rápido/lento, por exemplo, pode evocar muitas outras associações mais abstratas, como as de estresse/tranquilidade, caos/ordem, ruído/silêncio...

Como representar visualmente, então, a complexidade de um conceito tão multifacetado quanto particular? A arte da capa, de Marina Ryff Moreira Friedrich, trouxe como inspiração a amпуheta, que simboliza perfeitamente essa ideia: o mesmo objeto que mostra a abundância de tempo, quando acabamos de girá-lo, alerta para sua escassez com o escoar dos últimos grãos de areia. O design do Boletim procura evidenciar esse contraste por meio de um jogo de cores (as páginas em vermelho trazem no cabeçalho a amпуheta da escassez, e as páginas em azul, a da abundância) e de ícones de elementos do cotidiano, vinculados – ou não, dependendo do leitor – às pressas e às pausas que dão ritmo à vida.

Juliana Dischke

Queridos leitores,

É com muita satisfação que apresentamos o Boletim CEAPIA 2025! Desde quando assumimos a Coordenação do Boletim, em 2024, sentimos interesse em pesquisar sobre as origens e as mudanças deste documento que guarda registros e memórias importantes de nossa Instituição. No ano passado, fomos atropelados pela ocorrência das enchentes no RS, que se impuseram como urgentes – questões prioritárias a serem atendidas e, dentro do possível,

pensadas. Neste ano, em um contínuo, a necessidade de resgate documental veio com ainda mais força, já que, em meio a uma cultura imediatista e instantânea, é preciso tempo para reflexão, para historicização e para uma reconexão com nossos propósitos. Apesar de ter passado por muitas transformações ao longo de seu caminho, o Boletim mantém o seu caráter artesanal, contemplando um tempo de elaboração necessário ao sentir, à criação e ao pensamento.



Nesta edição, portanto, buscamos contemplar o paralelo *urgências e resgate histórico*, a fim de nos atentarmos tanto para o urgente, temas novos ou antigos que se colocam como expressivos e relevantes, quanto para a história, para que não percamos de vista o que já temos construído e que embasam o nosso porvir. Essa é a grande riqueza em tempos de urgência!

Um abraço e boa leitura!

Ana Carolina Pechansky e Eduarda Berao

Sumário

- | | |
|---|--|
| 02 Palavra da Presidente | 17 Núcleo de Estudantes |
| 03 Direção Científica | 18 Setor de Avaliação Psicológica e Orientação Profissional |
| 04 Histórico do Boletim | 18 Setor de Psicopedagogia |
| 06 Setor de Estágio | 19 Entrevista |
| 06 Curso de Técnica em Intervenções Precoces | 20 Encontro com a Comunidade |
| 07 Setor de Atendimento Pais-Bebê | 20 Proteção |
| 07 Setor de Fonoaudiologia | 21 CEAPIA Social |
| 08 Grupo Bantu | 21 Setor de Triagem |
| 09 Boletim indica | 22 Consultoria de Família |
| 15 Setor de Corpo Clínico | 22 Trabalho destaque |
| 15 Setor de Atendimento a Pais | 23 Setor de Psiquiatria |
| 16 Setor de Ambientoterapia | 23 Comissão da Revista Publicação CEAPIA |
| 16 Comissão de Pesquisa | 24 Serviços de formação e de atendimento |
| 17 Setor de Transtornos Alimentares | 25 Programa da XLV Jornada Anual do CEAPIA |



Palavra da Presidente



Entramos no segundo ano da gestão 2024/2025, e é com honra e profunda satisfação que sigo na presidência do CEAPIA. Ainda que estas palavras sejam minhas, acredito que ecoam as vozes de muitos membros da nossa Instituição.

O CEAPIA continua se mostrando um espaço fértil, dinâmico e pulsante. Seguimos atuando com empenho e responsabilidade, mantendo nosso compromisso com o olhar atento, a escuta qualificada e o cuidado ético dirigido a bebês, adolescentes e suas famílias.



Nosso trabalho se concretiza por meio do envolvimento contínuo de todos os setores da Instituição: administração, atendimento, eventos científicos, divulgação, ensino, boletim, revista e pesquisa. Destaco, com especial apreço e carinho, a dedicação das diretorias, comissões e do conselho consultivo, que seguem trabalhando de forma integrada e comprometida.

Compreendemos que os processos da vida – e, por consequência, os do trabalho institucional – não seguem um ritmo linear. São regidos pela realidade, com suas exigências e reinvenções. Até o momento, realizamos a manutenção de atividades – como atendimentos, cursos, grupos de estudo e pesquisas –, mas também promovemos diversos eventos científicos, os quais podem ser revisitados em nossa página no Instagram. Além disso, atualizamos o site institucional e promovemos uma importante revitalização do ambulatório.

Nesse contexto, os temas escolhidos para nossas jornadas merecem destaque. Em 2024, refletimos sobre

“Esperança: interseções psicanalíticas”; em 2025, nossa proposta é nos debruçarmos sobre “Urgências: quais os tempos que temos?”. Embora possam parecer opostos, ambos os temas se encontram no desejo comum de pensar e sentir o presente com profundidade e escuta, à luz da psicanálise. São também expressão dos afetos, inquietações e compromissos que nos atravessam como profissionais da saúde mental. Além disso, funcionam como uma espécie de espelho do que sentimos e vivemos institucionalmente.

Por fim, registro o orgulho em ver o CEAPIA construindo, de forma sólida e coerente, um legado importante – tanto para os públicos que atendemos quanto para os profissionais que aqui atuam e se formam. Um legado sustentado pela ciência, pelo cuidado e por um amor genuíno ao que fazemos.

Seguimos juntos, com escuta, presença e compromisso.

Luciana Gouvêa Oliveira

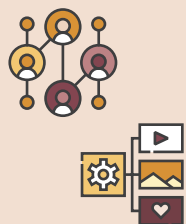




Urgências: Quais são os tempos que temos?

Direção Científica

A temática do tempo é uma constante em psicanálise. Desde os seus primórdios, com os estudos de Freud sobre o inconsciente, ele já problematizava, desafiava e ampliava essa questão ao afirmar que o inconsciente é atemporal.



Tanto em termos de teoria como de técnica, podemos pensar o tempo sob vários aspectos: o tempo do inconsciente, da sessão, do insight, do tratamento, de uma avaliação, os tempos do trauma, etc. Entretanto, existe algo que parece ser um fenômeno do nosso tempo, algo novo, pelas formas e intensidades com as quais se apresenta e afeta o psiquismo, as experiências e as relações: a urgência!

Falamos atualmente de uma epidemia em saúde mental e de uma geração de bebês, crianças e adolescentes ansiosos, fragilizados na sua capacidade psíquica para enfrentar as demandas internas e externas, fragilizados e em sofrimento também estão os adultos que se ocupam destes, exigidos por uma sociedade do resultado (imediatos e permanentes).

Há uma urgência de satisfação, de alta performance, de esbater sintoma, de ter uma solução mágica, de amadurecer, de não envelhecer. Sendo assim, os processos necessários para o desenvolvimento e acontecimentos da vida parecem estar sendo atropelados.



Por outro lado, paradoxalmente, parece que urge falarmos sobre isso, em especial em tempos em que as novas gerações (mas também adultos) passam a acreditar que a inteligência artificial é um recurso melhor que uma pessoa, por ser capaz de conectar mais informações em um tempo dito impossível ao cérebro humano. Tempos de rápidas transformações!

O que nos parece também uma bela e importante oportunidade para olhar para o que é do humano, da clínica, do encontro, da formação do

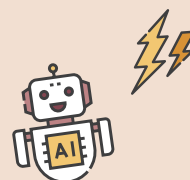


psicoterapeuta – este ofício que é uma constante e delicada construção. Sendo assim, é inevitável pensar como fica a psicanálise em tempos de urgência? Também uma oportunidade para refletirmos sobre o que parece que é de fato urgente, como as questões ligadas ao meio ambiente e as questões raciais, bem como todas as questões sobre a diversidade e o cuidado e respeito às diferenças.

São muitos os caminhos a serem trilhados – desde as profundezas dos fenômenos inconscientes, as quais nos convocam a escutar o indizível, passando pela delicadeza e complexidade do encontro clínico, espaço de escuta e elaboração, até as amplas perspectivas das questões socioambientais, que nos provocam enquanto sujeitos inseridos em um mundo em constante transformação, exigindo de nós um olhar ético, engajado e atento às interdependências entre o mundo interno e externo.

O desejo da Direção Científica é que possamos produzir diálogos, reflexões e estudos que entrelaçam as temáticas da atualidade com aquilo que é já conhecido do humano e do funcionamento psíquico ao longo dos tempos, onde existe o encontro consigo e com o outro, nas suas mais diversas formas e possibilidades. Desse modo, entre tantas inquietações criativas, nos perguntamos: como fica a psicanálise em tempos de urgência?

Giuliana Chiapin e Julia Foster (diretoras científicas), Eduarda Berao, Inta Muller, Joana Zuanazzi, Juliana Merello Perna, Laura Sprinz, Luísa Steiger, Maria Eduarda Pacheco Pires, Patricia Cohn (Comissão Científica)





Histórico do Boletim

Dentro de cada tempo, cabem muitas histórias. Dentro de um Boletim, também. "Guardar a história do CEAPIA" foi o intuito do primeiro Boletim na Instituição, lançado em maio de 1993. O CEAPIA completava 15 anos de existência no seu lançamento e vivia um momento de reestruturação, no qual buscava firmar suas raízes.

Fernando Kunzler, enquanto presidente naquele momento, foi quem assumiu a autoria do projeto, na época trimestral. Ele nos contou que a publicação tinha “um aspecto familiar”. Ali, podiam ser encontradas comunicações internas das mais diversas. Por meio do Boletim, o CEAPIA transmitia a seus membros notícias institucionais, tais como as questões burocráticas, os eventos passados e previstos, o registro de aquisições da biblioteca, a divulgação de novos colaboradores, e até a notícia de nascimentos. “Era um instrumento de ligação entre o pessoal interno”, como nos relatou Norma Escosteguy Psiquiatra e membro consultivo do CEAPIA.

Ao longo dos anos, as mudanças são observáveis e palpáveis: em 1997, a publicação passou a ser a cada dois meses e incluía notícias de vagas

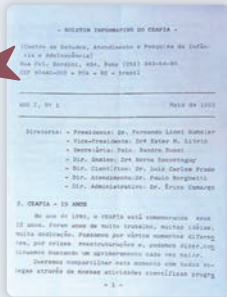
abertas nos setores, convites à escrita e notícias administrativas. Em 1999, o Boletim passou a ser impresso em uma folha maior e retornou à frequência trimestral. As páginas monocromáticas receberam novas ilustrações e, em seguida, ganharam mais cores. A publicação, que ainda contava com um viés de comunicação interna, com avisos institucionais, abria um espaço para a reflexão e a construção conjunta. O espaço livre do Boletim começou a ser preenchido por textos e poesias que a Comissão entendia como pertinentes naquele momento.

Sua escrita era inicialmente feita pela presidência da Instituição, até que, a partir da 14ª edição, passou a contar com um grupo de redação, edição e apresentação gráfica. O Boletim CEAPIA já teve edições

trimestrais (1995-1997, 1999- 2001), bimestrais (1997) e anuais (2001-2025). Já teve outro nome, outros tamanhos e formatos. Também contou com diferentes layouts e cores. Viveu muitas mudanças e testemunhou transições, se renovando a cada época e movimento institucional.

A função informativa e de divulgação institucional tem sido endereçada cada vez mais ao universo virtual, instantâneo. Contudo, nas publicações, permanecem as pautas de uma instituição que ainda lê e valoriza palavras escritas em papel. Afinal, seguimos escrevendo (e inscrevendo) marcas ceapianas. Assim, preservamos registros documentais do que nos atravessa ao longo do tempo e seguimos contando a nossa história, enquanto Instituição.

Como um bom guardião de histórias, o Boletim tem sua essência, mas também se adapta ao que chega como novo. Enlaçar as memórias do passado permite vislumbrar novas possibilidades de futuro, sem perder um fio condutor de tradição nas transmissões que o CEAPIA deseja passar. É o Boletim que nos conta de quem fomos. É ele também, acrescenta Fernando Kunzler, que "comunica quem somos".



1993

1º Boletim Informativo do CEAPIA



1995

10º Boletim Informativo do CEAPIA



1996

14ª edição – Boletim sob responsabilidade da Comissão de Publicações e da Revista do CEAPIA.



1997

Edições bimestrais



1999

Novo formato



2001

Novo layout



2004

As edições passam a ser anuais



2007

Edições começam a promover as Jornadas Anuais do CEAPIA



2020

Edição sobre a pandemia de Covid-19



Entrepassar: sobre o processo de construção da escuta



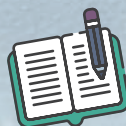
Setor de Estágio

Quando falamos de crianças e adolescentes que chegam em sofrimento psíquico na busca por psicoterapia, falamos também da inauguração ou manutenção do sintoma de uma família. O acolhimento do vulnerável paciente pressupõe que o profissional abrace rapidamente o contexto que o atravessa.

Neste cenário, o estágio é o momento de ora caminhar, ora correr pelo campo da experimentação, onde é vivenciada pela primeira vez a diferença entre o tempo cronológico e o tempo psíquico. Faz-se necessário, então, dar conta de outro tempo: o da construção do próprio pensamento clínico, este sim, não ensinado, mas resultado das andanças de como cada um vivencia o seu particular percurso.

Equilibrando-se entre a teoria aprendida em seminários, reuniões e supervisões clínicas e a intervenção propriamente dita, nos deparamos com a urgência de manter a escuta em formação viva, a fim de dar um lugar de repouso à sensação de estarmos sempre um passo atrás daquilo que o paciente nos apresenta.

Michelle Baladão Fagundes –
Estagiária do CEAPIA



Curso de Técnica em Intervenções Precoces



Em agosto/2024, iniciamos o II curso de Técnica em Intervenções Precoces (TIP) do CEAPIA. Assim como o tempo de um bebê em crescimento, o curso vai se desenvolvendo, fortalecendo suas características, ganhando espaço na Instituição e na comunidade. Sabemos da preciosidade e da vulnerabilidade que é o início da vida psíquica e do quão fundamental ele é para toda vivência posterior. Os tempos atuais,

com todas suas demandas e urgências, podem fragilizar as possibilidades de um começo mais favorável. Dessa maneira, formar profissionais com consistência, sensibilidade e afeto mais do que nunca é uma necessidade. As famílias estão chegando cada vez mais cedo, o que é uma vantagem em termos de prevenção e promoção em saúde, mas também pode ser um indicador da alta demanda em saúde mental.

Temos muito a pensar, criar e trabalhar na clínica pais-bebê. E refletindo sobre o tema da Jornada deste ano, bem como neste tempo do desenvolvimento, lembramos José Saramago que, com sua sábia poesia, nos recomenda: “Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo!”

Giuliana Chiapin e Inta Muller



O tempo do bebê é urgente

Setor de Atendimento Pais-Bebê



Considerando a importância do início da vida para a construção psíquica e o desenvolvimento geral do ser humano, sabemos que o tempo do bebê é urgente. Quando o encontro do bebê com o adulto se dá de forma acolhedora e com sintonia afetiva, vai-se constituindo um vínculo seguro e um ritmo apropriado. Dessa forma, espera-se que o desenvolvimento ocorra adequadamente. Do contrário, a indicação de uma abordagem vincular poderá possibilitar a retomada desta relação, dando continuidade ao desenvolvimento da criança.

Pensando no tema da Jornada do CEAPIA deste ano, e no trabalho do Setor de Atendimento Pais-Bebê, refletimos

sobre as “urgências” que trabalhamos. Frequentemente nos deparamos com a pergunta: “De que tempo se fala quando se trata de psicoterapia pais-bebê?” A escuta psicanalítica não se pauta pelo tempo cronológico, mas pelo tempo subjetivo – aquele que aparece no laço, no encontro e na relação afetiva.

O tempo subjetivo no atendimento de bebês busca respeitar o ritmo próprio da dupla ou do trio que o bebê forma com seus cuidadores. O espaço criado para isso favorece o fortalecimento dos vínculos e possibilita a construção de significados por meio da narratividade da história do bebê e de sua família. O tempo em que isso acontece se dá pelo ritmo do bebê, e

a sua história vai, aos poucos, sendo construída e inscrita na linha do tempo.

Com o intuito de aprofundarmos mais esse tema, durante o ano de 2024, criamos no nosso Setor um Grupo de Estudo, com a coordenação da querida colega Adriana Ribas, em que discutimos ideias tendo como base o livro de Victor Guerra *Vida psíquica do bebê: a parentalidade e os processos de subjetivação*.

Milene Merg e Maria Rita Beltrão (coordenadoras do Setor de Atendimento Pais-Bebê), Desirée Trois, Camile Marczyk, Claudine Genovese, Daniela Cansi, Gabriela Filipouski, Grasiela Cecatto (integrantes)



E as urgências no processo do desenvolvimento da linguagem?

Setor de Fonoaudiologia



Por mais incrível que possa parecer, a maior urgência que enfrentamos no processo de aquisição da linguagem está na necessidade do reforço dos vínculos presenciais.

A era digital, como é sabido por todos, nos trouxe inúmeros facilitadores; entretanto, no que diz respeito ao desenvolvimento infantil, o uso excessivo de telas ocupa, muitas vezes, um lugar que deveria ser preenchido pela interação social, que, entre tantos benefícios, está o desenvolvimento da linguagem e das habilidades sociais, tão fundamentais para o estabelecimento de uma comunicação eficaz. O impacto negativo do uso excessivo de telas está tão reconhecido que, neste ano de 2025, foi sancionada, no Brasil, a lei que proíbe o uso de celulares e

aparelhos eletrônicos portáteis nas escolas de educação básica, objetivando minimizar distrações, promover maior interação social, assim como reduzir problemas de saúde mental. Não podemos estabelecer lei de restrição dentro do seio familiar, mas se, como profissionais, pudermos ajudar a conscientizar as famílias, estaremos dando um passo importante na prevenção. As crianças, um dia, nos agradecerão.

Raquel Brodacz (coordenadora do Setor de Fonoaudiologia)





É tudo pra ontem*



Grupo Bantu



As ações afirmativas são constitucionais no Brasil desde 2012, mas as suas sementes no CEAPIA somente começaram a ser plantadas mais de dez anos depois, em 2023, com a criação do Bantu, o qual oportunizou a implementação das ações afirmativas em 2024.

GRUPO BANTU



No final desse ano, o CEAPIA passou pela perda de uma pessoa importante para esta discussão na Instituição, Joyce Goldstein, que, em conjunto com Marília Santos, coordenava o grupo e garantiu que fossem implementadas vagas para colegas negras, negros e indígenas no curso. Sofremos um grande impacto enquanto Instituição e grupo, e estamos em processo de retomar as nossas atividades, estudos e esforços para a manutenção e ampliação deste projeto tão importante. Desde dezembro de 2024, o grupo está sob a coordenação das colegas Luciane David e Ana Paula Krolow.

A criação do grupo Bantu surgiu da ausência de um olhar racializado para a vida institucional do CEAPIA. A demanda de conhecimento rapidamente se tornou uma demanda de ação. Já diria Emicida* (2020): “É tudo para ontem”. O tempo do antirracismo é para ontem.

Essa urgência é justamente a complexidade de olhar e se implicar nas questões raciais. A sensação é sempre de atraso, ainda mais sendo o último país da América Latina a abolir a escravidão. Faz tempo? Pensando na urgência contemporânea, em que uma década carrega um mundo de transformações, talvez. Entretanto, ao olharmos para a formação do Estado brasileiro, a cada 10 anos de história, 7 deles foram sob regime de escravidão (Café da Manhã, 2025). E o que esse tempo, passado, tem a ver com o tempo de agora? O racismo se inscreve na cultura e no sujeito de uma forma constitutiva, atemporal, reatualizando um sistema colonial de poder, que, violentamente, molda maneiras e possibilidades de ser e de estar no mundo. Em todos os ambientes, incluindo o CEAPIA, é tempo de

pensar, refletir, promover o letramento racial, se implicar e sustentar a desconstrução de traços tão incrustados na estrutura social e psíquica.

Enquanto grupo de trabalho e estudo para o aprimoramento das políticas raciais na Instituição, temos nos detido a pensar a questão da branquitude. Há uma discussão entre os autores estudados sobre a paradoxal invisibilidade e materialidade da branquitude, pois, por um lado, fala da falta de percepção do indivíduo branco como um ser racializado, e, de outro, o uso consciente e o esforço de manutenção dos privilégios garantidos pelo pertencimento à raça branca (Schucman, 2012). Pretendemos refletir sobre a branquitude institucional e as possíveis consequências desta na promoção da diversidade no CEAPIA.

Luciane David, Ana Paula Krolow (coordenadoras do Bantu), Aline Bruschi, Ana Paula Ferreira, Ana Vitória Alves, Eduarda Berao, Helena Riter, Janaína Steiger, Juliana Schaan, Jayne Leiria, Joana Zuanazzi, Julia Foster, Juliana Garofalo, Luísa Melo, Luísa Steiger, Maria Luiza Piccinini, Roberta Golbert e Tatiana Souza.



Referências

CAFÉ DA MANHÃ. A cor do seu salário: Hélio Santos. Podcast. São Paulo: Folha de S. Paulo; Spotify, 2025.

EMICIDA. Emicida: AmarElo – É Tudo pra Ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Laboratório Fantasma. [S.l.]: Netflix, 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.



Boletim indica

A Comissão do Boletim convidou os ceapianos a compartilharem indicações de expressões artísticas que marcassem e que revelassem, para cada um, urgências dos tempos atuais.



Olga Garcia Falceto

Foto. *Ciclone em Porto Alegre* - 31 de março de 2025.

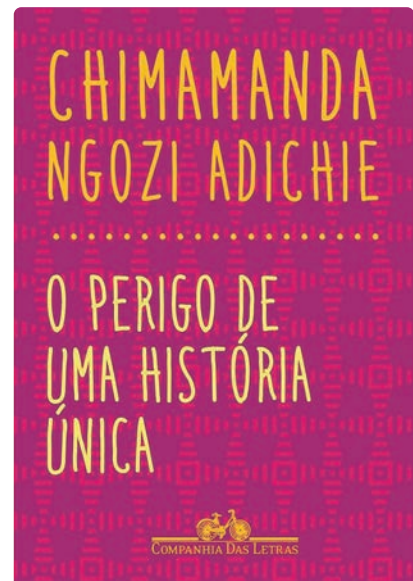
Mudanças climáticas geram eventos extremos em Porto Alegre.

Sabrina Fernandes dos Santos

Livro. *O perigo de uma história única* - Chimamanda Ngozi Adichie, 2019.

A autora nos convida a refletir sobre os riscos de aceitarmos uma única narrativa sobre um povo, uma cultura, uma identidade. Histórias únicas produzem estereótipos, reforçam estigmas, marginalizam, silenciam e sustentam posições hegemônicas. A psicanálise precisa abrir espaço para múltiplas histórias, tensionar os discursos que enquadram e reduzem sujeitos.

Em tempos marcados por polarizações, apagamentos e discursos de ódio, ouvir múltiplas histórias é mais do que necessário – é urgente. Trata-se de uma ação política e ética, que exige o reconhecimento da diversidade, o enfrentamento das tantas violências, e a valorização de narrativas situadas e plurais. Trata-se da urgência de uma psicanálise implicada.





Renata Pechansky

Música. *Cómo pasa el tiempo* – El Cuarteto de Nos, 2014.

Dicen que el tiempo y el olvido son hermanos gemelos
Que el tiempo es oro y yo no pienso derrochar dinero
Por eso antes de dormirme hoy quiero afirmar
Que este fue un día más y no un día menos
El tiempo solo sana lo que ya no importa
Parece como un Dios que los pecados no perdona
No lo puedo hacer obedecer, apurar ni detener
Solo quiero poder aprovecharme de él
Y usarlo como él siempre me usó
Sin lamentarme que se me escurrió
Porque el mañana de ayer es hoy
Voy contemplando como pasa el tiempo
Al mismo tiempo, rápido y lento
Mezcla de dualidad y cinismo
Miro el reloj y me dice ahora mismo
Sé que ni un segundo va a devolverme
Por eso es que hoy no quiero perder tiempo en perderme
Y si me distraigo y no lo agarro voló-voló, voló-voló



Betina Capobianco Strassburger

Música. *Paciência* – Lenine, 1999.

“Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora, vou na valsa
A vida é tão rara
Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
O mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo, e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência
Será que é tempo que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara, tão rara”

Escutei essa música pela primeira vez por meio de um professor no terceiro ano do colégio, em plena urgência da decisão da escolha profissional. Que bom que pude parar, pensar, ter paciência e, finalmente, escolher a Psicologia. Que nossa profissão possa sempre resistir à lógica acelerada de tempo e que possamos prezar pela coconstrução de um ritmo com nossos pacientes. Ritmo esse capaz de conter e desacelerar, tocar, sentir. Afinal, a vida é tão rara.





Luísa Steiger

Livro. *Perifobia* – Lilia Guerra, 2025.

O que seria Perifobia? Nunca tinha escutado esse termo. Lilia criou esse neologismo “depois de perceber o quanto a periferia pode causar desconforto e até repulsa”. Ela costura com maestria a literatura com música: em cada início de conto, um trecho de um samba – possível de escutar em uma playlist no Spotify, recomendo. Seus personagens pulam da ficção pra realidade numa rapidez feroz. Pulam também de um conto pro outro: mais uma bonita costura e surpresa que Lilia monta com uma sensibilidade ímpar.

É engraçada a sensação (e constatação) de que foi nas comunidades que trabalhei que vi (e aprendi) sobre coletivo. E foi indo pra lá, passando por bairros riquíssimos, que vi os muros mais altos, repletos de câmeras e seguranças. A individualidade nua e crua. Quem tem medo de quem? Quem causa desconforto em quem?



Luísa Steiger

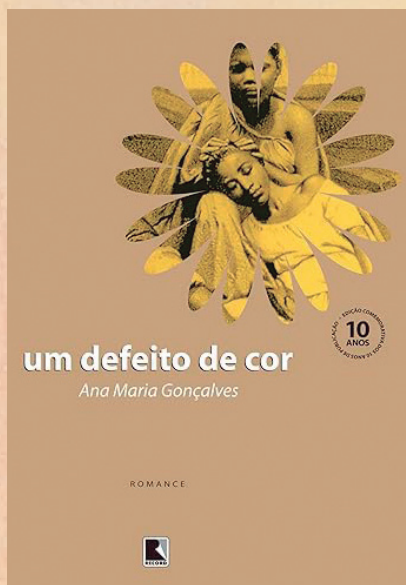
Podcast. *Projeto Querino* – Tiago Rogero e Rádio Novelo, 2022.

Em formato de podcast e de livro, Tiago Rogero nos leva para “um olhar afrocentrado sobre a história do Brasil”. Uma história feita de muitas vozes que foram apagadas e/ou silenciadas brutalmente por muito tempo. Tiago as apresenta uma por uma, traduzindo e conectando com maestria aspectos desde os primórdios até nossa atualidade. Assim, vemos que as roupagens do racismo mudam, mas a sua essência segue.

A escravidão não começa com o povo negro. O termo é originário de “slave”, que vem dos escravos. Épocas de guerras – o povo que perdia ou morria ou virava escravo. É com o povo negro, na verdade, é com Portugal explorando o povo africano que começa a questão racial que até então não existia. A partir daí, as mais diversas roupagens, estratégias, invenções e violências para justificar (e manter) o injustificável. O pacto dos brancos.

Tiago nos conta a história que a história não nos contou (para seu próprio privilégio) e que precisamos, pra ontem, aprender.



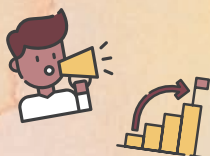


Fernanda Matte

Livro. *Um defeito de cor* – Ana Maria Gonçalves, 2005.

Leitura transformadora e que deveria ser obrigatória nas escolas pela importância e pelo impacto que causa em seus leitores. Em suas 952 páginas, acompanhamos a saga de Kehind, uma mulher negra que é capturada do reino do Daomé e trazida para ser escravizada na Bahia. São os relatos de suas dores e suas alegrias, desde os seus oito até os oitenta anos. É um livro tão poderoso que até virou samba-enredo da Portela em 2023:

"O samba genuinamente preto
Fina flor, jardim do gueto
Que exala o nosso afeto
Me embala, oh! Mãe, no colo da saudade
Pra fazer da identidade nosso livro aberto
Omotunde, vim do ventre do amor
Omotunde, pois assim me batizou
Alma de Jeje e a justiça de Xangô
O teu exemplo me faz vencedor"



Maria Luiza Piccinini

Instalação. *Lágrimas*, Vinícius S.A., 20105-2020.

O que 15 mil lâmpadas de vidro instaladas em 300 m² têm a nos comunicar? O impacto foi grande ao me deparar com "Lágrimas", obra de Vinicius S.A., que faz parte de uma exposição permanente no subsolo do Mercado Modelo, em Salvador, na Bahia.

A curadora, Thais Darzé, escreveu: "É sobre lavar a alma, uma pausa, o silêncio, um lapso de tempo. É parar e ouvir o que a chuva tem a nos dizer, é escutar a natureza em sua potência. É quando o silêncio ensurdece e grita, grita muito alto para ser ouvido, observado e visto (...)."

Chuva, água, elemento primordial da vida. No Sertão, a chegada da chuva é sinônimo de esperança e fartura; novo tempo. Tendo, há um ano, vivido o período das enchentes no RS, a obra me inundou de emoções paradoxais. A mesma que fertiliza, nutre, alimenta também pode inundar, transbordar, destruir. A provocação da obra é justamente esta: nos colocar para refletir sobre como nos relacionamos com a água.

Depois de longos minutos imersa nessa experiência, saí com ainda mais certeza: é mesmo preciso parar e ouvir, de uma vez por todas, o que ela tem a nos dizer.

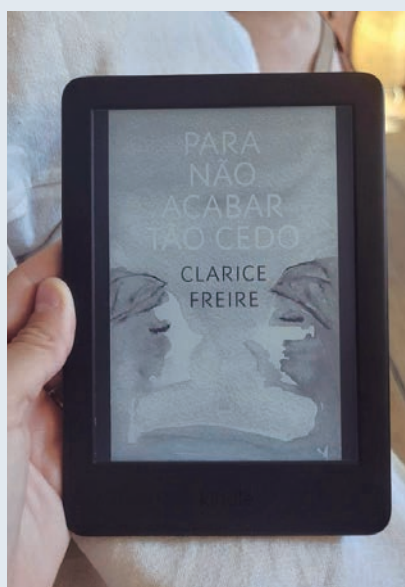




Luciana Grillo

Série. *1883* – Taylor Sheridan, 2021-2022.

A série chamada *1883*, da Netflix, apresenta a “urgente” jornada de imigrantes alemães e população local dos EUA em busca de terra e sonhos. É uma série dramática muito interessante, pois traz a origem da família Dutton (série *Yellowstone*, também da Netflix), seus aspectos transgeracionais, matrizes culturais e interculturais. Nos ajuda a compreender alguns pontos de conflito que se repetem nas séries promovendo uma “linha de tempo” integrativa entre as mesmas. A protagonista Elsa, uma jovem de 18 anos, é a narradora. A história, logo, é contada pelo seu olhar e sua pulsante demanda em viver; envolve as descobertas de uma adolescente em meio à guerra, suas paixões e suas profundas decepções. A recusa de Elsa em submeter-se a um tempo no qual as mulheres eram absolutamente diminuídas em sua existência é fonte de inspiração para nós, faz eco nos dias atuais e instiga questionamentos. Os diálogos entre Elsa e seu pai, James, ganham destaque: são poesia, tocam fundo e traduzem muito, a meu ver, da força vital que a jovem nos faz sentir ao longo dos episódios.



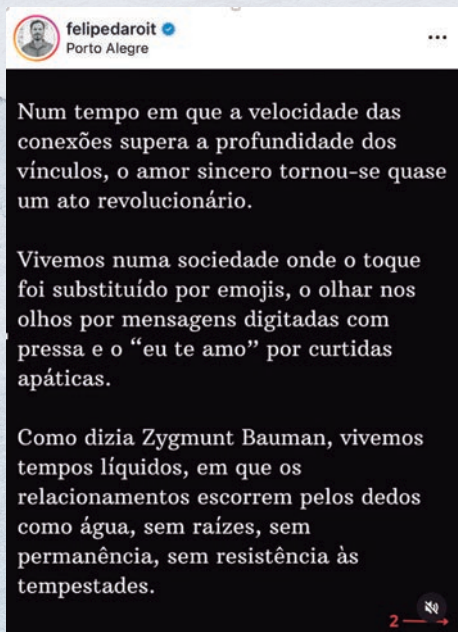
Julia Foster

Livro. *Para não acabar tão cedo* – Clarice Freire, 2024.

Um livro com um narrador não muito usual, mas tão presente em todas as narrativas: o Tempo. Um livro que traz a história de duas irmãs que, de forma súbita, acordam em seus corpos de 50 anos atrás. A partir desse princípio, começam a acontecer as redescobertas de si e do tempo que passou e que ficou pra trás. Um livro que traz um desejo de abraçar a vida com suas ambivalências, questionar o que ficou no passado e lidar com as (im)possibilidades da vida. Um livro que traz, de forma sensível e profunda, o eterno desejo e conflito de questionar o tempo e a necessidade de se entregar às suas imposições.

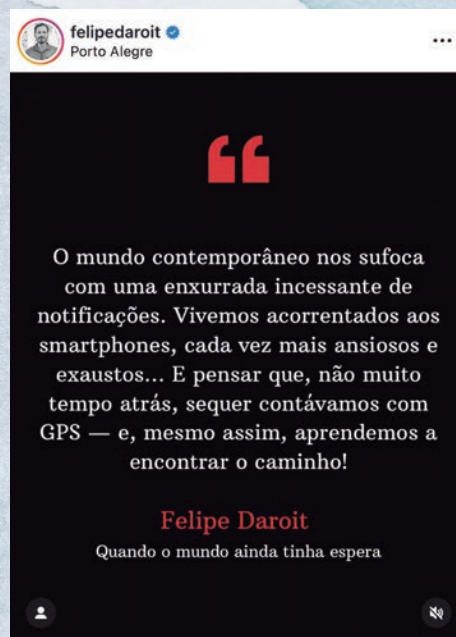
Esse livro é uma celebração da vida, do tempo e das relações.





Ana Marta Monteavaro

*O amor na era da frieza,
Felipe Daroit.*



Renata Pechansky

*Quando o mundo ainda tinha
espera, Felipe Daroit.*

Adriana Ribas

Pensando no viver criativo como ferramenta para enfrentarmos as urgências da atualidade, minhas indicações são voltadas para a escrita criativa.

No transcorrer do ano passado, participei de duas oficinas de escrita — de poesia com o professor e poeta Pedro Gonzaga e de crônicas com o professor e cronista Rubem Penz.

Ambas as experiências foram muito prazerosas, me proporcionando oportunidades para exercer a criatividade e, ao mesmo tempo, conhecer pessoas interessantes e compartilhar ideias e experiências de vida. Acredito que os grupos de escrita têm uma função terapêutica, assim como outras formas de expressão artística.

Compartilho com vocês uma poesia:

Receituário
“Quinze minutos de poesia
Por dia
Dose suficiente
Para transformar
Uma vida”



Costuras

Setor de Corpo Clínico



Na escuta de crianças e adolescentes, evidenciamos, no campo afetivo e na relação psicossocial da família, sujeitos que apresentam prejuízos pelas faltas a que foram expostos, como em casos de abandono, violências e privações de direitos.



Ao pensarmos em como as relações se constroem na contemporaneidade, nos remetemos aos conteúdos virtuais. Na ausência de uma figura que apresenta o limite, o vício nas telas reflete no comportamento e na percepção de mundo dos sujeitos. Evidencia-se aí uma falha que cabe a todos nós: a incapacidade de criar e manter vínculos.

Mas por onde começar frente às demandas que nos aparecem, quando tudo no cenário se veste de urgência?

Do dicionário, vincular é atar duas ou mais coisas. Compreendemos que

precisamos investir no trabalho de sermos a agulha que costura os retalhos, na tentativa de atribuir um novo sentido àquilo que nos chega solto na busca pelos atendimentos psicoterápicos, e que, não raras vezes, foi dado como perdido pelas famílias.

Cristina Gerhardt Soeiro de Souza e Camile Fleury (coordenadoras do Setor de Corpo Clínico), Bruno Sperb, Juliana Merello, Maria Eduarda Pires, Mayara Sander, Thanise Weinert, Késsia Pachêco, Michelle Baladão Fagundes e Leonardo Sousa (integrantes)



Ser pai e ser mãe em tempos de urgência digital

Setor de Atendimento a Pais



Nosso trabalho no Setor de Atendimento a Pais é assentado no conceito de parentalidade, determinada pelo vínculo emocional entre pais e filhos, que não é conquistada e mantida, por si só, pelos elos de parentesco biologicamente determinados. Nos tempos atuais, marcados pela aceleração, busca por resultados imediatos e pelo uso excessivo de tecnologias, a parentalidade enfrenta o desafio de se construir em meio a pressões externas e internas, as quais, muitas

vezes, atropelam os ritmos naturais de amadurecimento.

Ser mãe e pai é um contínuo processo de aprendizagem e transformação, que precisa de tempo para ser vivido e elaborado por cada um que vive neste lugar. Do mesmo modo, os filhos também precisam de tempo para se desenvolverem como indivíduos. Nesse sentido, o Setor de Atendimento a Pais foca nos pais e em suas relações com seus filhos, buscando criar um

“espaço” na mente dos pais para pensar a parentalidade através de uma escuta qualificada, em que possam compreender suas histórias e responder com sensibilidade às necessidades emocionais dos filhos.

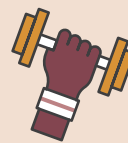
Tânia Wolff, Andrea Zelmanowicz (coordenadoras do Setor de Atendimento a Pais), Aline Brunchi, Andrea Etzberger, Gabriela Filipouski, Gicela Hansen, Laura Wolf, Maria Eduarda Pires e Helena Macedo (integrantes)





O tempo do tratamento X o tempo da urgência

Setor de Ambientoterapia



O Setor de Ambientoterapia, ao longo de seus 40 anos – comemorados neste ano – tem enfrentado situações delicadas e casos que exigem atenção crescente. Nesse período, crianças com dificuldades significativas na interação social, impulsividade, agressividade, intolerância à frustração e dificuldades com regras e limites são acolhidas em um modelo terapêutico baseado no "aqui e agora". Ele permite que elas vivenciem suas questões em um ambiente seguro, que ofereça novas formas de lidar com conflitos, ensaie estratégias de resolução de problemas e proponha diferentes modos de se relacionar.

Contudo, a carga de dois turnos semanais (5h30min) nem sempre basta. As urgências se intensificaram. Embora o tratamento infantil exija um olhar ampliado – que inclui pais, escolas e outros profissionais –, a necessidade de maior aproximação com os contextos da vida da criança é crescente.

A comunicação instantânea favorece essa aproximação, mas também reforça a urgência. A facilidade de acesso à informação (e desinformação) gera expectativas de respostas rápidas. Pais e cuidadores chegam angustiados, diante da desorganização emocional das

crianças, buscando diagnósticos e soluções imediatas – demandando da equipe disponibilidade quase em tempo real.

A Ambientoterapia lida com urgências, mas há limites próprios do processo terapêutico. Cabe refletir: até onde ela pode ir sem perder o tempo singular da escuta, da construção e da transformação?

Juliana Garofalo (coordenadora), Ana Paula Souza, Cássia Taiana Cavalheiro, Débora Silva, José Arnold, Laura Fleith e Thanise Weinert (equipe fixa do Setor de Ambientoterapia)



Quais são os tempos que temos na busca por novos referenciais em tempos de urgência?

Comissão de Pesquisa



Ao longo de seus 37 anos, a Comissão de Pesquisa se dedica a investigar e a colaborar com o desenvolvimento da técnica psicanalítica, assim como se propõe a pensar os enlaces da pesquisa e da prática clínica. Desde esse lugar, observamos que os tempos de urgências em que temos vivido, tendo na pandemia e nas enchentes de maio de 2024 exemplos vívidos disso, têm conduzido à busca por respostas rápidas e por orientações que sirvam de norte em momentos de perda de referenciais.

Sabemos que avanços científicos são extremamente importantes em tempos de incerteza, pois propõem novas alternativas e podem representar a ampliação da clínica psicanalítica. No entanto, esse cenário de urgências vem demandando pesquisas quase que instantâneas, as quais possam fornecer alguma base segura em tempos incertos, que guiem os profissionais em cenários permeados pelo não saber. Por outro lado, sabe-se que pesquisas consistentes exigem um tempo que, muitas vezes, não vai

ao encontro do tempo da urgência. Nesse sentido, propomos refletir sobre esse lugar do terapeuta-pesquisador à deriva: quais são os tempos que temos na busca por novos referenciais em tempos de urgência?

Luísa Mello e Helena Riter (Diretoras de Pesquisa), Ana Carolina Bressan, Ana Paula Krolow, Betina Strassburger, Gustavo Guahnon, Júlia Kerber, Mariah Keenan, Roberta Golbert, Vagner Oliveira e Vinícius Pontel (Comissão)





Tempo para sentir

Setor de Transtornos Alimentares



*"És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo"*

*Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo"*
"Oração ao tempo", Caetano Veloso.

Vivemos uma era em que parece haver cada vez menos tempo para momentos que criam memórias afetivas. A urgência interna é tamanha que dificulta parar para sentir. A busca constante

por preenchimento torna a falta quase intolerável. Se pudesse fazer um pedido ao tempo, qual seria? Não podemos pará-lo, mas a psicanálise nos ajuda a compreender o que é, de fato, urgente para cada um.

No Setor de Transtornos Alimentares do CEAPIA, busca-se ajudar o paciente a reconhecer suas dores e ser mais gentil com seu corpo. As cicatrizes, físicas ou psíquicas, fazem parte da história de cada um. Por meio do vínculo terapêutico, o sujeito é apoiado na construção de escolhas que impactam seu destino.

Embora não se possa negociar com o tempo, é possível fazer um acordo

interno para viver com mais generosidade e tolerância consigo. Muitos pacientes chegam com urgências distorcidas da realidade. É no diálogo com eles e suas famílias que se identifica o que realmente necessita cuidado naquele momento. A escuta psicanalítica, em articulação com o atendimento multidisciplinar, acolhe o sujeito em sua complexidade e amplia as possibilidades de cuidado, apropriação e uma relação mais compassiva com o corpo, o alimento e o próprio tempo.

Clarissa Galha (coordenadora do Setor de Transtornos Alimentares), Júlia Jaskulski, Maria Fernanda Wentz e Camila Milman (integrantes)



Qual é o tempo que temos?

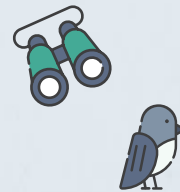
Núcleo de Estudantes

Na formação em Psicologia, o tempo não pode ser apenas cronológico. Ele é, sobretudo, um tempo ético, que se constrói na escuta, na presença e no processo.

O tempo só anda de ida.
Manoel de Barros

O estagiário de Psicologia, muitas vezes, se depara com demandas que parecem pedir pressa, mas a verdadeira urgência que precisamos considerar é a de sustentar o tempo necessário para o cuidado — o tempo da construção do vínculo, da compreensão do sofrimento, da elaboração de sentido.

O Núcleo de Estudantes também é um espaço de cuidado e escuta, que



acolhe e considera as demandas dos estagiários e ex-estagiários do CEAPIA. Assim sendo, neste ano, conseguimos organizar reuniões temáticas e dar continuidade aos grupos de estudos. Ações significativas, frutos de processos. Desejamos que, no tempo que temos, essas ações possam seguir contribuindo na formação dos estagiários, e no crescimento do Núcleo de Estudantes.

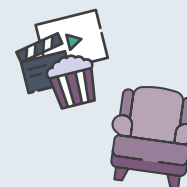
Juliana Santos e Priscila Sternberg (coordenadoras do Núcleo de Estudantes)





Avaliação psicológica e suas urgências

Setor de Avaliação Psicológica e Orientação Profissional



Refletindo sobre o tema da nossa Jornada "Urgências: quais os tempos que temos?", nos deparamos com os muitos tempos que permeiam o processo de Avaliação Psicológica. O tempo dos pais, dos familiares, dos educadores, que urge por respostas, direcionamentos e orientações. O tempo do paciente em seu próprio processo interno, seus sintomas e angústias. O tempo da Avaliação propriamente dita. O tempo do profissional que precisa manejar todos esses tempos e urgências,

prevalecendo a calma e o objetivo de auxiliar a todos no entendimento do funcionamento desta criança/adolescente, realizando as indicações terapêuticas mais eficientes.

Sustentar esses muitos tempos, validar suas urgências, sem sermos tomados por elas, fazem da Avaliação um espaço de acolhimento e de clarezas sobre este desenvolvimento que não é linear nem estável, diferentemente do tempo cronológico que padroniza nossos dias e

anos. Vemos assim a Avaliação Psicológica como um prenúncio de esperança, de que, sim, AINDA HÁ TEMPO.

Viviane Amaro da Silveira e Mariana Farina Santin (coordenadoras do Setor de Avaliação Psicológica e Orientação Profissional), Alberto Kerber, Bianca Henriques da Luz, Cíntia Berriel, Grasiela Cecatto, Milene Merg, Patrícia Sandberg, Vitória Capum Rodrigues, Viviane de Souza Valmorbida (integrantes) e Carina Anzolch Crestani (aluna ouvinte).



A importância de respeitar o tempo de cada um no processo de aprendizagem

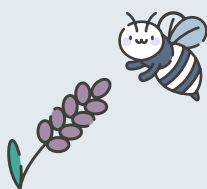
Setor de Psicopedagogia



Muitos pais demonstram urgência na aprendizagem de seus filhos, pressionando por resultados rápidos e esquecendo que cada criança ou adolescente possui seu próprio ritmo de desenvolvimento. Essa ansiedade pode criar um ambiente de estresse, em que o aprendizado se torna uma corrida e não uma descoberta gradual e prazerosa. Ao não esperar o tempo necessário para que assimilem conceitos e habilidades, corre-se o risco

de minar a autoconfiança e o interesse natural para a aquisição de novos conhecimentos. É essencial que os responsáveis reconheçam e respeitem as individualidades, apoiando e estimulando sem forçar prazos, permitindo assim que o aprendizado floresça de forma orgânica e sustentável.

Bárbara Schilling e Kátia Mantovani (coordenadoras do Setor de Psicopedagogia)





Entrevista



A Comissão do Boletim convidou os participantes dos Encontros Preparatórios para a XLV Jornada Anual do CEAPIA a responder à seguinte pergunta:

O que você considera imprescindível para que um encontro possa acontecer em tempos de urgência?



Ana Paula Terra Machado

Desde a fecundação somos fruto do encontro, somos feitos de encontros e desencontros.

O encontro é uma abertura para o Outro, para o "Rosto do Outro", como apregoou o filósofo Emmanuel Levinas. Esta disponibilidade para a alteridade é e será fundamental em todos os tempos. Afinal, é dos encontros que surgem as possibilidades para o nosso contínuo vir a ser.

Nos constituímos como um mosaico de identificações e o EU está em constante movimento. Fechar-se em si mesmo empobrece, embrutece e incita à violência interna e externa, o que é um dos flagelos do nosso tempo.

A ameaçadora clausura narcísica destes tempos de urgência impõe esforços, investimentos para que se fortaleçam as conexões ou, ainda, que se construam novos laços, que vão do individual ao social. Pois, desde o

início, são os vínculos que asseguram a nossa existência e nos constituem como sujeitos.

Nesse sentido, a clínica psicanalítica se oferece como um espaço onde o encontro pode tornar-se mais rico, criativo e transformador.

Se estamos todos imersos em uma cultura na qual o tempo se apresenta com uma aceleração vertiginosa, é nos consultórios que podemos e devemos estar atentos a um outro tempo. O tempo individual, o tempo do desejo.

É este tempo onde o encontro é fecundo e, como diz o poeta, "A vida é a arte do encontro".

Paula Sarmento Leite

Para que um encontro aconteça em tempos de urgência, penso que a qualidade desse encontro faz muita diferença. A pressa, a emergência e a rapidez pedem compreensão para além do que as palavras podem

comunicar. Torna-se necessária uma escuta sensível, multissensorial e estética. É preciso oferecer um caminho de simbolização para aquilo que está sem temporalização e sem espaço no mundo psíquico do sujeito em estado de urgência. A capacidade de sonhar e de brincar são inspirações para essa escuta, uma vez que possuem a propriedade de transformar o que está fragilmente representado. Sonhar e brincar são experiências que dependem da intersubjetividade, um faz junto com o outro, antes de poder fazer sozinho.

Ivanosca Martini

O tempo, nosso bem mais precioso, está sendo ocupado para preencher urgências no mundo em que vivemos, enquanto é subtraído dos encontros em que algo poderia acontecer!

Nosso desafio é favorecer e sustentar o tempo de espera necessário para que um encontro seja um acontecimento.





Diálogos que salvam vidas

Encontro com a Comunidade



O Encontro com a Comunidade é um espaço de interlocução com a comunidade em geral. Chamando alguém da nossa casa, enriquecemos e ampliamos a discussão convidando profissionais de outras áreas que conversem com a temática escolhida. Esta, por sua vez, vai ao encontro do que percebemos como fervilhando na boca do povo. Assim, costuramos as inquietações com muita informação, afinal, a educação salva vidas e serve de antídoto contra a violência.

Com muito trabalho em conjunto, formamos o primeiro Encontro: Proteção de Crianças e Adolescentes: Por que tecer essa rede? Pra ter essa conversa, contamos com a presença da Andrea Zelmanowicz, psicanalista da casa, da Myriam Marques, assistente social do

Hospital de Clínicas de Porto Alegre, e da Paula Simões, defensora pública que atua com função dirigente no NUDECA.

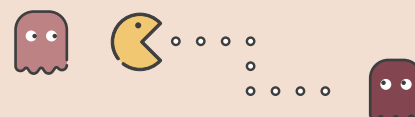
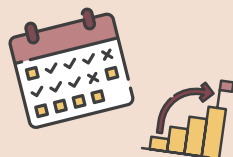
A partir de diferentes vivências que puderam ser costuradas, trago alguns pontos discutidos. Apesar de existirem crianças desde que o mundo é mundo, o conceito de infância é recente: a criança como sujeito de direito foi reconhecida só em 1988, e o ECA surgiu em 1990.

Ao mesmo tempo que a família é considerada um lugar quase que sagrado e totalmente seguro, é também o lugar onde mais ocorrem as situações de abuso. Ou seja, se quem cuida é quem maltrata, a criança, na posição de dependente de um adulto que a cuide, fica completamente “mal enredada”.

Se mobilizar é diferente de se paralisar. Essa temática é absolutamente complexa para todos e, sozinho, nenhum profissional é capaz de quebrar o ciclo de abuso. Uma fala comum de todas as convidadas é sobre como precisamos entender a rede, estar bem-informados e muito bem capacitados para não sermos cúmplices no silenciamento da violência.

Acolher, atender, notificar e dar seguimento na rede intersetorial. Precisamos saber minimamente esse caminho e ajudar tanto a criança quanto a família a se guiar, com informação, educação e cuidado, para um lugar de mais saúde.

Luísa Steiger (coordenadora dos Encontros com a Comunidade)



Proteção integral à criança e ao adolescente: Por que tecer uma rede de proteção?

Proteção

As diferentes modalidades de intervenção profissional com menores de 18 anos necessitam de enfoques multidisciplinares para garantir a proteção integral em ambientes onde é comum um ciclo abusivo de caráter compulsório e repetitivo.

Os profissionais precisam saber identificar, diagnosticar, manejar, notificar e encaminhar as situações de forma a integrar saúde, justiça, escola, família e sociedade como um todo.

Experiências de abuso, negligência e ações de maus-tratos de crianças e adolescentes são experiências antigas, que têm repercussões físicas e emocionais e refletem em toda a sociedade. Isso porque o indivíduo que propõe o mau trato é justamente aquele que deve estabelecer uma relação de cuidado, respeito e afeto com aquele que está em pleno processo de formação da sua personalidade.

A “rede de proteção” oportuniza um trabalho integrado e continuado pelos profissionais, que, uma vez “bem enredados”, podem compreender de forma cuidadosa e atenta as complexidades dos fenômenos de violência que envolvem crianças e adolescentes.

Andrea Zelmanowicz (consultora de Proteção Integral da criança e do adolescente)





A psicanálise deve estar onde a vida está

CEAPIA Social

O CEAPIA Social surgiu em 2019 retomando e ampliando as origens institucionais de abrir portas para quem não consegue chegar nos consultórios privados. Agora, a proposta é ir ao encontro das pessoas e dos territórios que não chegam até nós.

Promovemos ações em que levamos, além de doações, nosso tempo, conhecimento, olhar e escuta. Em maio, realizamos uma ação em parceria com o MAMA – Cultura de Prevenção, a qual consistiu em uma roda de conversa que privilegiou a escuta, a circulação de informações sobre saúde e o

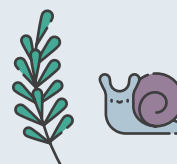
fortalecimento da rede de mulheres na comunidade. Finalizamos com um brechó social, onde elas puderam escolher as roupas que mais gostavam. Durante o ano, teremos mais ações que proporcionem momentos como esse.

Conhecer as redes que tecem a nossa sociedade é nosso dever ético enquanto profissionais da saúde. Aprender e dialogar com quem pensa e vive diferente de nós nos apresenta outras formas de ser e estar no mundo.

Fernanda Amorim e Luísa Steiger (coordenadoras do CEAPIA Social)



A psicanálise é ferramenta transformadora, deve estar onde a vida está, pulsante, viva e potente!



Tempos de urgência e a importância da Triagem na infância e adolescência

Setor de Triagem

O processo inicial de avaliação, na chegada no CEAPIA, é fundamental para a identificação das necessidades imediatas do paciente, assim como das condições do ambiente familiar e social, direcionando os casos para intervenções mais amplas, com apoio psicossocial e, quando necessário, encaminhando para serviços especializados.

Em tempos de urgência, uma intervenção pode representar a diferença entre a estabilização e o agravamento de sintomas.

Em crianças e adolescentes, isso é potencializado, dado que se trata de uma fase marcada por intensas transformações com demandas complexas e a habilidade de expressar e regular emoções ainda em processo de consolidação.

A triagem, portanto, não se limita apenas à classificação de risco ou à identificação de sintomas, mas também atua como um primeiro contato terapêutico que pode influenciar o engajamento do paciente com o tratamento. A criação

de um espaço acolhedor é crucial, principalmente para aqueles que chegam após eventos traumáticos. A postura empática e a escuta ativa do profissional são determinantes para estabelecer uma relação de confiança, fundamental para o sucesso do tratamento.

Fernanda Amorim (coordenadora), Ana Paula Krolow, Daniela Lajus, Julia Foster, Juliana Santos, Karla Fonseca, Mariana Becker, Mariana Santin, Viviane Valmorbida





Consultoria Familiar em situações de urgências e crises

Consultoria de Família



Famílias diante de situações de crises, muitas vezes, perdem transitoriamente sua capacidade de administrar e cuidar dos integrantes que a compõem.



Situações de crise familiar podem incluir problemas diretos com os filhos, crianças, adolescentes, com o subsistema conjugal, ou ainda com um único integrante do sistema familiar.

Acontecimentos desestabilizadores, tais como desemprego de um dos pais, separação ou divórcio, perda de um familiar significativo, violência familiar, geram tensões as quais as famílias podem reagir de diferentes maneiras; podem redimensionar os problemas advindos dessas situações estressoras encontrando

saídas mais funcionais, ou em outros sistemas, surge um sintoma, físico ou emocional.

Cabe ao terapeuta familiar identificar padrões funcionais e disfuncionais da família, bem como a capacidade para realizar mudanças na sua organização, frente a eventos inesperados. Ao lado disso, cabe acolher a família em sofrimento, auxiliando-a no resgate de suas competências.

Rosa Lúcia Severino (coordenadora da Consultoria de Família)



Tempo de agradecer e brincar

Trabalho Destaque

Receber o prêmio de Trabalho Destaque da Jornada Interna dos alunos do curso em 2024 foi um verdadeiro presente, depois de 3 anos de percurso.

O trabalho intitulado “Adolescência: Tempo perdido” aborda, entre outros assuntos, a temática do trauma embasado teoricamente pela obra do psicanalista Sándor Ferenczi, e se propõe a pensar como a potência criativa, criada pelo pediatra e também psicanalista Donald Winnicott, pode ser uma ferramenta

transformadora no trabalho subjetivo entre analista e paciente.

Autenticidade, reconhecimento e vínculo, palavras utilizadas no artigo, também cabem aqui nesta escrita. Escrevi alicerçada no amor de pessoas generosas, que me incentivam e favorecem a minha criatividade.

Obrigada às comissões Científica e do Boletim pelo convite de realizar uma metaescrita e ao CEAPIA pelo prêmio.

Bibiana Vencato Sieburger

Ser terapeuta de crianças e adolescentes exige esforço, dedicação, rigor técnico e teórico. Mas, também, nos convida a brincar, às vezes, com as palavras, como pude fazer neste trabalho.





Urgências: quais são os tempos que temos?

Setor de Psiquiatria

Na prática com crianças e adolescentes, não é difícil perceber a angústia que o crescimento dos filhos gera nos pais. Para estimular autonomia sem negligenciar a proteção necessária, é preciso uma dança flexível, mas com limites.

No cenário atual, onde essas questões ganham visibilidade nas redes sociais, abre-se espaço para falas educativas – e também inquisidoras. O direito de intervir na família alheia parece ter se tornado mais amplo, muitas vezes sem permissão. Pais, já inseguros com

seus próprios julgamentos, enfrentam críticas externas desconectadas de sua realidade.

A dança parental se tensiona, vira cabo-de-guerra, os pares se desencontram e a música perde o sentido. Surgem urgências: cortes, diagnósticos apressados, rótulos buscados como boias. A negligência e a superproteção se tornam riscos. Esquecemos a força da conversa calma.

Késsia Pachêco Leal (Psiquiatra do Setor de Psiquiatria)

Talvez seja hora de pausar, observar o espaço, escutar o ritmo e lembrar que ninguém dança bem sozinho.



As urgências da Revista para a edição 2025

Comissão da Revista Publicação CEAPIA

A construção da edição da Revista do CEAPIA tem se mostrado um exercício constante de escuta e elaboração para a nossa comissão. Se, por um lado, seguimos com o rigor habitual do processo de recebimento e avaliação anônima dos artigos, por outro, nos deparamos com as urgências de um tempo atravessado por múltiplas camadas de sofrimento e complexidade.

Como uma Comissão Editorial pode, então, sustentar a escuta do que é

urgente? Nesta edição, além dos temas clínicos e psicoterápicos ligados à infância e adolescência, propusemos abrir espaço para uma seção dedicada às articulações possíveis entre a psicanálise e as questões ambientais e climáticas – como forma de registrar, simbolizar e refletir sobre os impactos psíquicos e subjetivos de uma realidade em transformação contínua.

Bruno Sperb (Editor da Revista Publicação CEAPIA), Ana Paula Krolow e Laura Lotti (Comissão)





Serviços de atendimento do CEAPIA



Setor de Adoção

Ambulatório

Setor de
Ambientoterapia

Setor de
Atendimento a Pais

Setor de Atendimento Pais-Bebê

Setor de Avaliação Psicológica
e Orientação Profissional

Consultoria de Família

Consultoria de Proteção

Setor de Corpo Clínico

Setor de Estágio

Setor de Fonoaudiologia

Setor de Psicopedagogia

Setor de Psiquiatria

Setor de Serviço Social

Setor de Transtornos
Alimentares

Setor de Triagem



Serviços de formação profissional, de ensino e voltados à comunidade



Curso de Psicoterapia da
Infância e da Adolescência

Curso de Técnica em
Intervenções Precoces

Estágio em Psicologia
(Básico e Clínica)

Estágio em Psicopedagogia

Núcleo de Estudantes

Eventos Científicos

Grupos de Estudo

Encontros com a Comunidade

CEAPIA Social

Grupo Bantu

Boletim CEAPIA

Revista Publicação CEAPIA



Programa da XLV Jornada Anual do CEAPIA

URGÊNCIAS
Quais os tempos que temos?



14/08
Quinta-feira

Temas livres (online) - 19h30 às 21h30

15/08
Sexta-feira

14h15 - Credenciamento



14h30- Abertura

Luciana Gouvêa Oliveira (Presidente CEAPIA, SPPA) e Giuliana Chiapin (Diretora Científica CEAPIA, SBPdePA)

14h50 às 16h20

Mesa 1 - Primeiros encontros: quais os impactos da urgência no processo de avaliação em psicoterapia?

Luisa Mello (Psicóloga - CEAPIA), Maria Cristina Bressani (Psicóloga - CEAPIA) e Vera Ramires (Psicóloga - CIPT, Atitus Educação)
Coordenação: Elisa Cardoso Azevedo (Psicóloga - PUCRS, CEAPIA); Secretária: Maria Eduarda Pires (Psicóloga - CEAPIA)

16h30 às 18h

Mesa 2 - Tempos iniciais e urgências atuais: (des)encontros possíveis

Adriana Ribas (Psicóloga e Psicanalista - CEAPIA, SPPA), Lia Batista (Psicanalista - MAM da Assotiation Lacanienne Internationale)* e Manuelita Dotti (Psicomotricista)
Coordenação: Inta Muller (Psicanalista - CEPdePA, CEAPIA); Secretária: Joana Zuanazzi (Psicóloga - CEAPIA)

18h às 18h30 - Coffee break

18h30 às 20h

Mesa 3 - Um processo em construção: desafios da técnica psicanalítica na contemporaneidade

Ane Marlise Port Rodrigues (Psicanalista - SBPdePA), Magali Fischer (Psicanalista - SPPA, CEAPIA) e Virginia Ungar (Psicanalista - APdeBA)*
Coordenação: Anelise Mariath Rechia (Psicanalista - CEPdePA, CEAPIA); Secretária: Laura Sprinz (Psicóloga - CEAPIA)

16/08
Sábado

8h30 às 10h30

Mesa 4 - Discussão de caso clínico (exclusivo para Membros do CEAPIA)

Equipe interdisciplinar do Setor de Transtornos Alimentares do CEAPIA, Rodrigo Gabbi Polli (Psicólogo - UFSM, UFRGS, CEAPIA), Júlia Huber (Psiquiatra - CEAPIA, CITOM) e Raquel Bertuol Gargioni Manfro (Nutricionista - UNISINOS, CEAPIA)
Supervisora: Márcia Azevedo (Psicanalista - SPCRJ, PUCRJ)
Coordenação: Marília Bordin Schmidt (Psicóloga - CEAPIA CELG)
Secretária: Juliana Merello (Psicóloga - CEAPIA)

10h30 às 11h - Coffee break

11h às 11h25

Apresentação do Grupo Vocal CEAPIA

Integrantes: Patrícia Cohn, Caroline Milman, Maria Jorej, Lúcia Rubim, Adriana Ribas, Maria Fernanda S. Hennemann e Luciana Grillo. Diretor Musical: Ricardo Barpp

11h30 às 13h

Mesa 5 - Corpos em transbordamento e a urgência do sofrimento

Clarissa Gralha (Médica/Psicoterapeuta - CEAPIA), Ivanise Fontes (Psicanalista - Espaço Psicanálise do Sensível)* e Sérgio Nick (Psicanalista - SBPRJ)*
Coordenação: Vanessa Giarretta (Psicóloga - CEAPIA)
Secretária: Joana Zuanazzi (Psicóloga - CEAPIA)

13h às 14h30 - Almoço

14h30 às 16h

Mesa 6 - Alteridade em risco: a capacidade (auto)destrutiva do ser humano

Aline Restano (Psicóloga - CEAPIA, SPPA), Enio Tavares (Psicólogo/Psicanalista)* e Miriam Cristiane Alves (Psicóloga/Psicanalista SBPdePA, Conselheira CRPRS)
Coordenação: Fernanda Amorim (Psicóloga - CEAPIA)
Secretária: Luísa Steiger (Psicóloga - CEAPIA)

16h às 16h30 - Coffee break



16h30 às 18h

Mesa 7 - "Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter" **

Camila Elis (Artista Visual - UFRGS, USP), Cátia Mello (Psicanalista - CEAPIA, SPPA) e Freda Corrêa Corteze (Professora de Dança e Mestre em Educação - UFRGS)
Coordenação: Patrícia Cohn (Psicanalista - CEPdePA, CEAPIA)
Secretária: Eduarda Berao (Psicóloga ITIPOA, CEAPIA)

18h - Premiação dos temas livres e encerramento

Diretora Científica: Giuliana Chiapin; **Codiretora Científica:**

Julia Foster; **Comissão Científica:** Eduarda Berao, Inta Muller, Joana Zuanazzi, Juliana Merello, Laura Sprinz, Luísa Steiger, Maria Eduarda Pacheco Pires, Patricia Cohn; **Comissão de Temas Livres:** Joana Zuanazzi (coordenadora), José A. Arnold, Kelin Patzlaff, Maria Victória Bertoldo e Thanise Weinert.

* Participação no formato online. ** Trecho retirado de música "Somos quem podemos ser", de Engenheiros do Hawaii.



Endereço: Rua Coronel Bordini, 434 – Porto Alegre, RS / **Telefone:** (51) 3343-6490
Site: ceapia.com.br / **E-mail:** ceapia@ceapia.com.br / **Instagram:** @ceapiars